

O processo de integração dos afro-brasileiros no Grêmio Foot-Ball Porto Alegre

The Process of Integration of afro-brazilians into Grêmio Foot-Ball Porto Alegre

Ryan dos Santos Cardoso,¹ UFPEL

Resumo

O artigo tem como intuito evidenciar os processos de democratização do futebol surgidos na década de 1930, com sua profissionalização no Rio Grande do Sul. Com esse processo, a integração dos negros no futebol foi fortemente ampliada. O Grêmio de Porto Alegre, correlatado como um dos maiores clubes de Futebol do Brasil, não permitia indivíduos afro-brasileiros participando do seu clube associativo, além da ausência de indivíduos negros em seu plantel de atletas. Além disso, o artigo busca traçar um paralelo entre o racismo presente na sociedade brasileira, com as medidas tomadas pelo clube, para o seu embranquecimento. Por fim, como a luta dos negros se deu para sua integração no esporte bretão, se tornando sócios, atletas e torcedores de clubes que no passado negaram sua existência e identidade.

Palavras-Chave: Racismo; Identidade; Grêmio; Pós-Abolição.

Abstract

This article aims to shed light on the processes of democratization in football that began in the 1930s, particularly with the professionalization of the sport in Rio Grande do Sul. As a result of this transformation, the participation of Black individuals in football increased significantly. Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, one of Brazil's most prominent football clubs, historically excluded Afro-Brazilians from its membership and did not include Black players on its roster. The article also draws a parallel between the structural racism in Brazilian society and the whitening strategies adopted by the club. Finally, it explores the struggle of Black Brazilians to gain access to the sport—becoming members, players, and fans of clubs that once denied their existence and identity.

Keywords: Racism; Identity; Grêmio; Post-Abolition.

Introdução

O autor deste artigo não é somente um torcedor apaixonado pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, mas um negro torcedor do Grêmio. Essas características podem se apresentar de maneiras dissonantes se comparado a origem do clube da capital gaúcha que remete ao início do século passado, mas o clube de futebol, enquanto expressão cultural, modificou suas estruturas para abrangência de indivíduos com identidades variadas ao longo

¹Mestrando em História pela Universidade Federal de Pelotas. Licenciado em História. E-mail: Ryansantosox@gmail.com

das décadas, buscando sua caracterização como um “Clube de Todos” e rechaçar a percepção fora de sua esfera como um clube elitista e racista.

O futebol surgido no Século XIX e popularizado no Brasil na primeira metade do século XX, se popularizou fortemente. Porém, em seu princípio no território nacional, era limitada sua prática somente as elites socioeconômicas, podendo se evidenciar isto através do conhecimento das regras, mas também pelo racismo presente no Brasil no período recente ao fim da escravidão.

O esporte após a sua chegada ao país no final do século XIX, rapidamente começa a chamar a atenção de boa parte das pessoas. Porém, como o material para a prática era caro, com destaque para o alto valor da bola, e como são pessoas da elite que vão a Europa, estudar ou fazer negócios, que trazem o esporte, a sua chegada e consolidação ocorrem com um forte caráter elitista, de distinção social. “Como os negros, naquelas décadas posteriores a abolição, sofriam ainda com a segregação social, que se refletia numa situação econômica, política e social bem limitada, eles tinham o acesso a esta prática (e a muitas outras) dificultado” (Mackedanz, 2016, p.16).

Embora elitista em sua origem, o futebol surgido na Inglaterra, se espalhou para o mundo, inclusive no Brasil, atingindo as camadas populares sendo caracterizado por Hobsbawm (1990) como a “religião leiga da classe operária”. Porém o acesso dos negros ao esporte foi muitas vezes limitado ou até mesmo inexistente em seu estabelecimento, o que pode ser evidenciado pelo racismo presente na sociedade brasileira, com uma recente abolição da escravatura, doze anos antes do surgimento do primeiro clube.

Em 1888, se repetiria o mesmo ato “Libertador” que a história do Brasil registra com o nome de Abolição ou de Lei Aurea, aquilo que não passou de um assassinato em massa, ou seja, a multiplicação do crime, em menor escala, dos africanos livres (Nascimento, 2016, p. 79).

Munanga (2015) afirma que o racismo do Brasil não pode ser definido como melhor ou pior em comparação com outras experiências no globo, mas silencioso, com o preconceito implícito na sociedade com o negro o impedindo através de sinais muitas vezes ocultos de sua percepção e de uma estrutura que o impede de acessar certas esferas da sociedade, geralmente abastadas e influentes. A marginalização dos africanos e afro-brasileiro, sejam eles nascidos livres ou libertos, se ampliou por toda a esfera social. O futebol em sua prática não foi explicitamente proibido aos negros no país, mas os elementos que evitariam a prática da

população negra poderiam ser encontrados nos processos de marginalização praticados pela elite eugenista no Brasil, ou no recorte regional do Rio Grande do Sul.

A segregação racial no futebol porto-alegrense não pode ser explicada elencando-se uma ou duas razões quaisquer por mais convincentes que possam parecer trata-se, evidentemente, de motivações anteriores e, até certo ponto, alheias ao futebol. Em parte, a segregação racial no futebol deve ser tributada a um processo mais amplo, extensivo a própria construção da identidade gaúcha (Damo, 1998, p.100).

Porém nos anos 20, os negros lutam por sua insurgência no cenário futebolístico no estado do Rio Grande do Sul. Surgiu então a Liga dos Canelas Pretas na região metropolitana de Porto Alegre, abordada pelo trabalho de Damo (1998), a Liga José do Patrocínio em Pelotas abordada por Mackedanz (2016) e o futebol na região fronteiriça de Jaguarão por Al-Alam (2023).

Damo (1998) afirma que a existência da liga na região da capital, revela como o processo de inserção do negro na prática foi truculento, com essa noção podendo ser aplicada as regiões estudadas pelos autores citados. Porém, a absorção do futebol foi um processo dos negros, haja visto que o esporte foi utilizado como uma forma de resistência pelos indivíduos racializados, sendo um espaço de convivência e resistência. “Se por um lado as elites pautavam o processo de higienização a partir do esporte, por outro, a comunidade negra utilizava o futebol como espaço de demarcação de sua representatividade positiva enquanto comunidade” (Al-Alam, 2023, p.117).

O Grêmio e seu pacto de branquitude

O Grêmio de Foot Ball Porto Alegrense, surgiu após o primeiro clube de futebol do país, o Sport Club Rio Grande. O clube foi fundado por Cândido Dias da Silva (Grêmio, 2022), sendo fundado na atual rua José Maury, no dia 15 de setembro de 1903, na capital gaúcha. O primeiro presidente do clube foi o teuto-brasileiro, Carlos Luiz Böhrer, ascendência comum a integrantes do recém criado clube da capital gaúcha. “O Grêmio, clube oriundo de Porto Alegre, foi fundado em 1903 por um grupo de homens donos de indústrias, comerciantes, profissionais liberais e estudantes abastados, a maior parte deles descendentes de alemães e italianos” (Rodrigues, 2012).

Embora a agremiação sendo vitoriosa em seus primeiros, é notável a ausência de diversidade racial no clube gaúcho durante seus primeiros anos de existência. “O Grêmio

manteve por muitos anos, expresse inclusive no seu estatuto, a proibição de “pessoas de cor” no seu quadro social e de jogadores” (Mackedanz, 2016, p.19). A segregação racial no futebol porto-alegrense não pode ser explicada elencando-se uma ou duas razões quaisquer por mais convincentes que possam parecer trata-se, evidentemente, de motivações anteriores e, até certo ponto, alheias ao futebol em parte, a segregação racial no futebol deve ser tributada a um processo mais amplo, extensivo a própria construção da identidade gaúcha”(Rodrigues, 2012, p.33). Além disso, a branquitude inserida no futebol, de acordo com Al Alam (2023), inseriu seus ideais eugenistas de prática ao futebol, tornando a práxis em seu princípio no território nacional. O branco, enquanto indivíduo ou grupo concebido como único padrão e sinônimo de ser humano “ideal”, é indubitavelmente uma das características marcantes da branquitude em nossa sociedade e em outras” (Rachleff, 2004, p. 109; McLaren, 2000, p. 263; Roediger, 2000, p. 1-17, *apud* Cardoso, 2010, p. 607).

Seria difícil realizar uma revisão historiográfica acerca do clube “tricolor” sem citar seu maior rival, o Internacional. A rivalidade histórica com o clube da mesma cidade, o Sport Club Internacional, fundado em 1909, até os dias atuais divide a paixão dos cativados pelo futebol no estado do Rio Grande do Sul. O Grêmio tinha seis anos incompletos de existência, quando seu rival foi fundado por migrantes paulistas, os irmãos Poppe.

A origem do Sport Club Internacional está ligada à integração entre povos de diferentes nacionalidades. Diferente de outros clubes da capital gaúcha da época, voltados principalmente a descendentes de alemães, o Inter surgiu acolhendo diversas etnias. Sua fundação foi conduzida diretamente pelos irmãos Henrique Poppe Leão, José Eduardo Poppe e Luiz Madeira Poppe, que chegaram a Porto Alegre por volta de 1908, em meio à efervescência do futebol no Brasil (Internacional, 2025).

A liga dos Canelas Pretas, surgida na década de 20 e duradoura durante os anos 30, foi um marco importante para a adesão das comunidades populares ao futebol e conjuntamente a isto os racializados como afirma Al-Alam (2023). O Inter, incorporou atletas da chamada “Liga dos Canelas Pretas”, atraindo ao seu redor, seu caráter de clube popular, ou clube do povo.

A ascensão dos times identificados com a comunidade negra e de outros tantos, cuja base era formada por jogadores das classes baixas, adquiriu tamanha notoriedade nos anos 20 que a Liga Metropolitana achou por bem criar uma espécie de segunda divisão. Abria-se, desta forma, uma possibilidade de acesso para clubes e jogadores anteriormente discriminados

sem perder de vista as vantagens que tal proximidade representava, especialmente para o Grêmio e o Internacional (Damo, 1998, p.103).

O Sport Club Internacional observou o potencial da liga, incorporando quadro de atletas ao seu plantel, ampliando seu plantel esportivo a fim de assegurar conquistas e triunfos tanto em âmbito citadino, como também estadual através do campeonato gaúcho que perdura até os dias atuais.

Na década de 30, o Internacional também contribuiu para o fim da Liga dos Canelas Pretas, pois passou a utilizar muitos jogadores negros em seu grupo. A atitude acabou fortalecendo a equipe, absolutamente hegemônica nos anos 40, além de criar o carinhoso apelido de Clube do Povo (Observatório Racial do Futebol, 2016).

O Negro no Clube Alemão

No ano de 1933 começou a profissionalização do futebol (Ribeiro, 2025), contrastando com a inclusão de indivíduos racializados em seu plantel, a década de 1940 foi de domínio absoluto do Internacional com a conquista de 8 de 10 campeonatos gaúchos durante 1940 a 1950, consequentemente adquirindo a alcunha de “Rolo Compressor”. O clube contava com diversos jogadores negros em seu plantel, porém esses negros não eram só colorados, mas negros colorados vitoriosos, segundo Damo (1998). Além disso, por serem os clubes mais vitoriosos da capital gaúcha, o Internacional se tornou conhecido como o clube das camadas populares, em contrapartida ao Grêmio reconhecido como clube da elite gaúcha e branca. Cabe ressaltar a pioneira integração de negros do Inter frente ao seu rival, porém o clube colorado recusou a integração do clube negro Sport Club Riograndense (Ribeiro, 2026) fato que acarretaria na composição do hino de seu rival anos posteriores.

É muito comum que, nos mais diversos municípios brasileiros que possuem no mínimo dois clubes, existir a seguinte segmentação: time/clube do povo e time/clube da elite. Porém, em grande parte dessas cidades essa denominação aconteceu, principalmente, quando algum clube passou a permitir a inclusão de negros e pobres em seus quadros (Ribeiro, 2026).

Um dos atletas negros oriundos da Liga dos Canelas Pretas, foi Osmar Fortes Barcellos, conhecido como “Tesourinha”². Ídolo do Sport Club Internacional durante os anos 1939 e 1949, jogador convocado para a Seleção Brasileira de Futebol. Tesourinha se tornou o primeiro atleta negro a integrar o Grêmio, ocorreu em 1952.

² Apelido em alusão a sua participação no bloco carnavalesco “Os Tesouras”.

No Pelotas foi só um pouco depois que eles começaram a jogar. Até então, pode-se ver no pavilhão do Pelotas: só se vê branco. Em 38 já tinha o Dirceu jogando, que era um mulato. Era quase como o Grêmio, que o primeiro a jogar foi Tesourinha (Rigo, 2001 *apud* Mackedanz, 2016, p. 153).

No estatuto do Grêmio anteriormente era vedado a inclusão de jogadores afro-brasileiros ocasionando em perdas estruturais como afirma Santos (2018):

No estatuto do clube dizia que ele perderia o seu campo se aceitasse pessoas de cor em seus quadros. O Grêmio veio a abolir essa cláusula pelo mesmo motivo que a maior parte dos clubes do eixo Rio-São Paulo e do resto do país fizeram: identificaram em 103 ligas de clubes negros, atletas que poderiam contribuir com alto desempenho em seus principais times (Santos, 2018 *apud* Ribeiro, 2026, p.102-103).

A adesão ao talento desses atletas negros pode se corroborar a promulgação da lei Afonso Arinos³ em 1951, a primeira lei a proibir a discriminação racial em instância penal, cabendo ainda adendos a efetividade de fato desta lei.

Neste trabalho, Tesourinha será caracterizado como o primeiro atleta negro do Grêmio, porém até mesmo essa afirmação é algo conflitante, visto os relatos de portais como GrêmioPédia que afirmam a existência de negros integrantes do time, como os irmãos mostardeiros na década de 10. De fato, foi realizada uma pesquisa nos acervos históricos do Rio Grande do Sul e no site *FamilySearch*, porém em suas certidões de nascimento não foi mencionada referência a sua etnia, raça ou tom de pele. Além disso, foi realizada a busca por Armando Luiz Antunes, mas em sua certidão de nascimento consta “Branco” no campo demarcado para a definição de “raça”, não sendo possível mensurar se era racializado.

Várias referências já identificam a presença de negros vestindo a camisa do Grêmio antes de Tesourinha, como Adão Lima, Prego, Jorge e Hermes Conceição. Todavia, seu pioneirismo está marcado no imaginário popular. Mesmo não sendo o primeiro, talvez tenha sido o primeiro a conseguir a idolatria e a admiração da torcida gremista, o que justificaria a fama e a construção da imagem de pioneirismo (Baraibar, 2017).

Nascimento (2016) alerta que o processo de autoidentificação racial nas primeiras décadas do século XX foi totalmente deturpado, ou seja, os indivíduos com fenótipos aparentes de serem descendentes de escravizados se declaravam como brancos ou pardos na finalidade de não sofrerem discriminação e recusa a empregos, sendo estimulado por esses

³ Lei 1.390/51, lei promulgada em 1951 de autoria do homônimo autor, o deputado e historiador Afonso Arinos.

órgãos de identificação com o interesse da manipular os censos demográficos para formar uma maioria branca no Brasil. Diante do exposto, não é preciso afirmar a inexistência de negros no Grêmio antes de Tesourinha, visto a tentativa da sociedade de embranquecer a população afro-brasileira e a dificuldade do reconhecimento por parte dos próprios cidadãos como racializados.

Tesourinha e os Jornais

Neste subcapítulo, serão abordadas três figuras, que noticiam a contratação de Tesourinha. De acordo com Burke (2017), não basta analisar a figura, mas a sociedade que a produziu e o seu porquê. Para a análise de imagens, os conceitos de análise de imagens de Mauad (1996) serão utilizados neste trabalho, visto que a fotografia pode transmitir uma visão da realidade, podendo implicar uma visão do mundo, no caso dos autores.

Figura 1 – Apresentação do atleta Tesourinha



Fonte: Arquivo do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, 1952.

A estreia de Tesourinha se deu contra o clube gaúcho, Juventude, de Caxias do Sul. O Grêmio venceu este jogo por 5x3, que contou com um gol do atacante afro-porto-alegrense.

Figura 2 – Apresentação do atleta Tesourinha



Fonte: Hemeroteca, Jornal A Manhã-RJ, 1952.

Esta reportagem do Jornal A Manhã, da capital Rio de Janeiro, evidencia todo o caráter racista vigente na sociedade ao enaltecer a figura de Tesourinha como um negro de alma branca como se somente esta alma fosse algo a enaltecer seu aspecto puro, remetendo a branquitude a pureza. Aragão⁴ (1992) ressalta que o negro de alma branca para os brancos é o exemplo da dignidade, mas essa caracterização como negro prejudica somente aos negros, que lutam por desmitificar esses “adjetivos”, corroborando com isto Nascimento (2016) afirma que o termo negro de alma branca é um conceito para qualificar um indivíduo que recusa suas origens socioculturais, em detrimento de um padrão eurocêntrico.

⁴ A canção de 1992 se chama “Identidade” regravada em 2025 com o músico Emicida.

Figura 3 – Editorial sobre a contratação de Tesourinha



Fonte: Hemeroteca, Jornal A Manhã RJ 1952.

A figura acima mostra como o jornal saudou o pioneirismo de tesourinha ao integrar o Grêmio, mas assim como a figura 2, caracterizou o caráter racista do clube, o chamando de Nazista, seja essa afirmação errônea, com as possibilidades de serem calcadas na fundação alemã do clube ou a ausência de jogadores negros ou ambos.

Os recortes desses jornais evidenciam um certo elemento de superioridade em relação ao racismo praticado pelo Grêmio, o que cai no mito da democracia racial que Florestan Fernandes denunciou. Essa democracia racial notada nas páginas do Jornal A Manhã, arraigada de elementos de erotização ao negro contemplando seus feitos esportivos, porém sem implicar na problematização da sua marginalização e os processos deste racismo mascarado. Não se confronta o racismo praticado explicitamente pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, mas se faz o adendo a como outras regiões do país faziam confronto a esta prática, criticando formas de preconceito e reproduzindo termos e ações depreciativas aos descendentes de escravizados do país. Sobre a democracia racial vigente nas páginas de jornais, Nelson Rodrigues (1957) ressalta:

Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. A vida do preto brasileiro é toda tecida de humilhações. Nós o tratamos com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite. Acho o branco brasileiro um dos mais racistas do mundo (Rodrigues, 1957).

Considerações Finais

A história de integração dos negros no Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, se correlata com a origem do futebol no Brasil, excludente e eugenista com desafios excludentes imposto pela nação e em maior escala pelo estatuto do clube gaúcho. Ainda assim, os atletas racializados integrantes do clube, seja antes de “Tesourinha” ou após, ainda evidenciaram a luta negra por sua cidadania e inserção no meio sociocultural. Como Al- Alam (2023) afirma:

O futebol, tal qual o carnaval, as procissões religiosas, foi marcado pela construção política cotidiana das comunidades negras, na busca de cidadania, e que passava, como até hoje também, pela luta contra o racismo (Al-Alam, 2023, p.134).

O Grêmio, outrora em 1953, inaugurou o seu último hino⁵, presente até os dias atuais. O hino composto por Lupicínio Rodrigues, gaúcho de Porto Alegre, homem negro, gremista, do bairro Ilhota, onde foi fundado o Sport Club Internacional coincidentemente, segundo Farias (2013). Lupicínio também se caracterizou como uma figura de representatividade, pela primazia do Grêmio, mas em todo país, sendo o único compositor negro de um clube grande no Brasil, com um busto na esplanada da Arena do Grêmio⁶. O supracitado Sport Club Rio Grandense tinha Francisco Rodrigues em seu quadro de fundadores, e o desafeto do clube negro com o Internacional fez com que o filho de Francisco, Lupicínio Rodrigues integrasse a torcida do Grêmio.

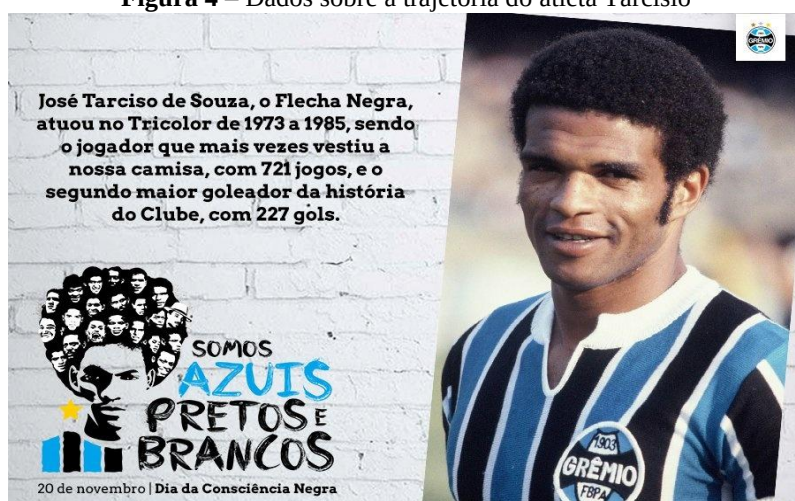
O Grêmio nas décadas posteriores contava com inúmeros jogadores negros em seu plantel de atletas, como Tarciso, campeão do mundo e o atleta que mais vestiu a camisa do clube. Tarciso e o seu apelido “flecha negra” o fez se tornar mascote do clube no ano de 2024⁷.

⁵ O hino composto por Lupicínio Rodrigues é o terceiro hino da história do Grêmio.

⁶ O Grêmio inaugurou o busto de Lupicínio Rodrigues junto à Calçada da Fama na esplanada da Arena.

⁷ Tarciso Flecha Negra: como ídolo do Grêmio, virou símbolo da representatividade no futebol. Disponível em: <<https://ge.globo.com/rs/futebol/noticia/2024/11/18/tarciso-flecha-negra-como-idolo-do-gremio-virou-simbolo-da-representatividade-no-futebol.ghtml>>

Figura 4 – Dados sobre a trajetória do atleta Tarcísio



Fonte: Acervo do Grêmio, 2021.

Ainda assim como afirma Mackedanz (2016) os jogadores negros em casos de derrota são mais criticados que jogadores brancos, chegando esta crítica a cor da sua pele, seus traços físicos e outros aspectos de sua negritude. No aspecto de raça percebe-se sua subjetividade, com a branquitude sendo o ser humano que está aí, o padrão, o negro na sociedade brasileira seria o diferente do “modelo”.

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente ponto específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (Hall, 2006, p. 63).

Por fim, o Grêmio ampliou suas práticas de combate ao racismo, com práticas antirracistas como propõe Ribeiro (2019) seja no estádio, ou a implementação de biometria para identificar os criminosos, ou posts em suas redes sociais, e até propagandas em seu estádio. Ainda é possível citar que a integração dos afro-brasileiros na torcida, categorias de base e futebol profissional do clube, se devem ao ganho esportivo dos atletas e contribuição financeira dos torcedores, em conjunto a criação e manutenção de políticas públicas como a lei Afonso Arinos (1981), o ensino obrigatório de cultura afro-brasileira⁸ (2003) e a lei do

⁸ Lei 10.639/03, promulgada em 2003 assegura o ensino e valorização da cultura afro-brasileira e africana em âmbito educacional.

racismo⁹ (1989). Por fim em corroboração com as políticas públicas se inclui o ganho capital, no qual Hall (2016) ressalta as características do capitalismo através de campanhas publicitárias, se outrora essas sociedades racistas excluía os racializados, outrora explora sua imagem em nome do lucro, ou seja, até as campanhas anti racistas implementam capital nas empresas.

Fontes

A MANHÃ. Rio de Janeiro, 13 mar. 1952, edição 3253, p. 12. Disponível na Hemeroteca: DigitaldaBibliotecaNacional:<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20195&pesq=Lupicínio%201952&pagfis=57222>.

ARAGÃO, Jorge. **Identidade**. 1992.

BRASIL. Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951. Inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de cor. Brasília, DF: Presidência da República, 1951. Disponível em: [Planalto – Lei nº 1.390/1951](#).

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE. Há 71 anos, no dia 16/03/1952, Tesourinha fazia sua estreia com a camisa do Grêmio. Foi numa goleada de 5 a 3 do Tricolor sobre o Juventude, em amistoso realizado em Caxias do Sul. Ele anotou o quarto gol gremista aos 11 minutos da etapa final. Porto Alegre: Grêmio FBPA, 16 mar. 2023.

Referências bibliográficas

BARAIBAR, Guilherme Goulart. **Tesourinha e a quebra de paradigmas raciais no Grêmio**. 2017. Resumo (apresentação oral) — Salão de Iniciação Científica, 29, 2017, Porto Alegre, RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/176521>.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARDOSO AL-ALAM, Caiuá. O Futebol na fronteira Brasil-Uruguaí: racialização e protagonismos da comunidade negra em Jaguarão na década de 1930. **História Revista**. Goiânia, v. 28, n. 3, p. 112–135.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. Manizales, v. 8, n. 1, jan./jun., p. 607–630, 2010.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. 1998. 237f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

⁹ Lei 7.716/89, promulgada em 1989 sendo uma atualização da Lei Afonso Arinos, com a nova constituição criminaliza o racismo.

DA SILVA, Eliazar João. De esporte das elites ao esporte popular: a trajetória do futebol no Brasil. **Fronteiras: Revista de História**, Grande Dourados, v. 14, n. 25, jan./dez., p. 99–110, 2012.

ENDLER, Sérgio. **Tesourinha**. 2. ed. Porto Alegre: Tch, 1984.

FARIA, Arthur de. **Lupicínio**: uma biografia musical. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2023.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 1972.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE. **Fundação**. Grêmio.net. Disponível em: <https://gremio.net/conteudo/index/44>. Acesso em: 22 jul. 2025.

GRÊMIOPÉDIA. **Grêmiopédia**: a enciclopédia do Grêmio. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, E. **Mundos do trabalho**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

MACKEDANZ, Christian Ferreira. **Racismo “nas quatro linhas”**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). 2016. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). **Anos 90**. Porto Alegre, v. 11, p. 144–161, 1999.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NASCIMENTO, do Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. Processo de um racismo mascarado. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do (org.). **Teatro Experimental do Negro**: testemunhos. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

RIBEIRO, Gabriel Gonçalves. O negro no futebol gaúcho: uma análise comparativa entre Pelotas e Porto Alegre. In: ENCONTRO DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 7., 2026, Pelotas. **Anais...** Pelotas: Programa de Pós-Graduação em História da UFPel, 2026. v. 11, n. especial, p. 94-108.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento**. A torcida geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e

clubes no campo esportivo brasileiro. 2012. 140f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

RODRIGUES, Nelson. Abdias: o negro autêntico. *In*: NASCIMENTO, Abdias do (org.). **Teatro Experimental do Negro: testemunhos**. Rio de Janeiro: GRD, 1966, p.157-158.

RODRIGUES, Nelson. **A democracia racial**. Última Hora, Rio de Janeiro, ano 7, n. 2176, p. 3, 23 ago. 1957.